



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha

ITAPARICA

Corveta

Incorporação: Nada consta.

Aprisionamento: 7 de março de 1827.

Navio de madeira, de propulsão a vela e aparelhado em Brigue que figurou na Armada portuguesa com o nome de *Voador*. Ainda com esse nome, em 1807, sob o comando do Primeiro-Tenente Francisco Maximiliano de Souza, trouxe ao Rio de Janeiro, a notícia da vinda da Família Real para o Brasil (era o Vice-Rei o Conde dos Arcos). Afinal, foi confiscado pelo Governo Imperial.

Possuía as seguintes características: 101 pés de comprimento; 29,5 pés de boca; 14 pés de calado. Era artilhado com dois canhões de bronze calibre 9; 14 canhões de ferro calibre 18 e seis caronadas de ferro de calibre 24. Zarpou do Rio de Janeiro em 4 de julho de 1814 comandado pelo Capitão-Tenente João Netto; entrou em Lorient, França a 23 de maio de 1815. Esteve antes, na conquista de Caiena, sob o comando do Capitão de Fragata José Antônio Salgado. Zarpou em 2 de setembro de 1815 e retornou no dia 29. Entre janeiro de 1813 e 1816, nele embarcaram os Primeiros-Tenentes Francisco de Assis Cabral e Teive, Alexandre de Beaurepaire e Guarda-Marinha Félix Joaquim dos Santos Cassão.

Em 16 de fevereiro de 1817, entrou em Santa Catarina e no Rio de Janeiro em 12 de maio de 1818. Partiu em 13 de junho. Em 30 de julho de 1822, zarpou de Lisboa, com os enviados portugueses Conde do Rio Maior e Francisco José Vieira, trazendo propostas de paz aos brasileiros. Fundeou em 16 de setembro fora da Barra do Rio de Janeiro. Na manhã de 17 suspendeu e, com bandeira portuguesa desfraldada, entrou a barra. Diante da intimação da fortaleza de Santa Cruz, fundeou perto dela, salvando à terra com 21 tiros, que não foram correspondidos, apesar - diz Varnhagen - de recomendado pelo escaler do práctico. Atracaram nele os escaleres do Registro de Villegagnon e outro com ordens do Paço, com um oficial da Armada, levando a proibição de comunicar-se ele com terra até segunda ordem. Dom Pedro I, nessa tarde retirou-se para a fazenda de Santa Cruz, e mandou um dos seus Ajudantes à



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



fortaleza para que o Comandante desta, intimasse por escrito ao do Brigue *Voador*, para que arriasse a bandeira portuguesa e retirasse o leme, que seria mandado buscar posteriormente. O português conformou-se e arriou a bandeira de sua nação. Pelas 22 horas, o Ajudante do Arsenal de Marinha foi receber o leme.

O Brigue *Voador* em março de 1823, foi considerado boa presa e incorporado à nossa Esquadra, classificado como Corveta e batizado com o nome de *Itaparica*, grande ilha da Baía de Todos os Santos na Bahia.

Em 12 de dezembro de 1824, sob o comando do Capitão-Tenente Joaquim Estanislau Barbosa, e com o pavilhão do Capitão de Mar e Guerra, Diogo de Brito, Diretor da Academia de Marinha, acompanhado dos Professores de Aparelho e de Navegação, saiu em viagem de instrução, com 24 Guardas-Marinha. Iam embarcados dois soldados da Artilharia de Marinha. Regressou em 14 de fevereiro de 1825, tendo tocado na Ilha de Trindade

Seguiu para o Rio da Prata sob o comando do Capitão-Tenente Guilherme Eyre. Participou do encontro de *Corales* em 9 de fevereiro de 1826, como Capitânia da Segunda Divisão da Esquadra, arvorando o pavilhão do Chefe de Divisão Diogo Jorge de Brito, que foi ferido em combate. Participou dos combates de 23 e 25 de maio de 1826 e no de 11 de junho em que Norton nela desfraldou seu pavilhão, por algumas horas; participou ainda, da ação de 29 de julho.

Seguiu para a Patagônia na Divisão do Chefe James Schepard. Ao entrar na Barra do Rio Negro encalhou num banco, mas conseguiu safar-se, em 28 de fevereiro de 1827. Assumindo o seu comandante a chefia de um destacamento de desembarque, assumiu o comando o Primeiro-Tenente Pecurário, seu imediato, que atacado por corsários, não soube defender o navio, que caiu prisioneiro. Os argentinos batizaram-no com o nome *Ituzaiçó*. O seu apresamento aconteceu em 7 de março de 1827. O inimigo não tirou nenhum resultado desse apresamento, pois o navio, fazendo-se ao mar, abriu água e acabou abandonado.

Entre 1824 e 1827, serviram a bordo os Segundos-Tenentes Antônio J. de Andrade Pinto, Diogo Ignacio Tavares, Bernardo José de Almeida, Francisco Manuel Barroso da Silva, Rafael Mendes de Moraes e Valle, João Batista de Souza e Joaquim Alves de Castillo; e



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



o Comissário João Pinto Drumond, o Escrivão Antônio Domingues de Sá e o Cirurgião Bruno José da Silva.